

O SOM PERCEBIDO PALAVRA: A ESCUTA LINGUÍSTICA E O “OUVIDO” SAUSSURIANO

O SOM PERCEBIDO PALAVRA: A ESCUTA LINGUÍSTICA E O “OUVIDO”
SAUSSURIANO

Aline Vargas Stawinski¹

aline.stawinski@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como intuito sintetizar algumas reflexões que promovem uma concepção de escuta linguística sob um viés dos estudos saussurianos. Para isso, este trabalho estrutura-se em três partes. Em “Do som ao signo”, busca-se explorar a complexidade do signo linguístico a partir da noção de “duplessência”, analogia para a noção de dupla essência da linguagem (Saussure 2011), que coloca em evidência a indissociabilidade entre os aspectos material e psíquico no que se refere à *langue*. Em “O ouvido no circuito da *parole*”, retoma-se o circuito saussuriano pelo viés da delimitação das unidades linguísticas, isto é, desde o “ouvido” (*oreille*). Para tanto, são mobilizadas ideias de pesquisadores como Herman Parret (1993; 2014), Jacques Coursil (2000) e Giuseppe D’Ottavi (2010), além do estudo terminológico de Giuseppe Cosenza (2016). Em “A escuta linguística”, de início conceitos de diferentes tipos de “escuta” são introduzidos a partir das definições de Barthes e Havas (1987); em seguida, volta-se para os estudos de base saussuriana em companhia de Arild Utaker (2016), autor cujo pensamento auxilia a elaborar uma concepção de “escuta linguística” ancorada pelo “ouvido”.

PALAVRAS-CHAVE: escuta; Ferdinand de Saussure; ouvido; signo.

ABSTRACT: This article aims to summarize some thoughts that promote a notion of linguistic listening from a Saussurean basis. For this, this work is structured in three parts. In “From sound to sign” we seek to explore the complexity of the linguistic sign from the notion of “doubleness” – an analogy for the notion of the double essence of language (Saussure 2011), which highlights the inseparability between material and psychic aspects regarding *langue*. In “The ear in the circuit of *parole*” the Saussurean circuit is reconsidered through the bias of the delimitation of linguistic units, that is, from the “ear”’s perspective (*oreille*). To this end, ideas from researchers such as Herman Parret (1993; 2014), Jacques Coursil (2000) and Giuseppe D’Ottavi (2010) are taken into account, in addition to the terminological study of Giuseppe Cosenza (2016). In “Linguistic Listening” concepts of different types of “listening” are initially introduced based on the definitions of Barthes and Havas (1987); then, it turns to Saussurean-based studies in the company of Arild Utaker (2016), an author whose thinking helps to develop a conception of “linguistic listening” anchored by the concept of “ear”.

KEYWORDS: listening; Ferdinand de Saussure; ear; sign.

“Estar à escuta é estar à beira do sentido”
Jean-Luc Nancy

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O “som percebido palavra”, expressão emprestada de Jean-Luc Nancy (2014), abre a reflexão deste artigo, que tem como intuito explorar uma concepção de escuta a partir de uma fundamentação teórica de base saussuriana. A reflexão empreendida aqui é fruto de uma trajetória de pesquisa que, desde 2012, tem constantemente se deparado com o lugar da escuta nos estudos da linguagem – seja de forma mais direta, no diálogo com a clínica de linguagem; seja de forma mais indireta, a partir da reflexão sobre a intersubjetividade na linguagem². Como, porém, a escuta ressoa nos estudos saussurianos?

Na tentativa de responder essa pergunta, este artigo elabora uma síntese de problemas de pesquisa investigados particularmente em dois trabalhos: o primeiro, sob o título “O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana” (Stawinski 2016), buscou explorar a presença do aspecto fônico da língua em textos saussurianos pelo viés do ouvinte, com ênfase no Curso de linguística geral (CLG), nos Escritos de linguística geral (ELG) e no manuscrito *Phonétique*; o segundo, “À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana” (Stawinski 2020)³, partiu dos efeitos do “ouvido” (*oreille*) na cadeia falada (-escutada) para chegar a uma concepção de “escuta linguística”. Nesse sentido, o foco aqui é o “lado B” do circuito da *parole*, para utilizar uma expressão de Giuseppe D’Ottavi (2010)⁴.

O título escolhido para este artigo traz palavras-chave que demandam uma contextualização aos leitores, visto que “som”, “percepção” e “palavra” não são tomados aqui em sentido literal. Em termos saussurianos, a palavra “som” nos leva a

² Cf. “A heterogeneidade na transcrição de fala sintomática: marcas subjetivas” (Stawinski 2012) e “A subjetividade na linguagem: aspectos linguísticos” (Stawinski 2013).

³ Acompanhando Ribeiro (2019, assim como em minha tese, neste artigo mantenho os termos *langue* e *parole* no idioma original; o intuito é demarcar o estatuto conceitual de ambos os termos, visto que “língua” (entendida como idioma) ou “fala” (entendida como realização articulatória) podem produzir interpretações redutoras dos conceitos saussurianos: “*Langue*, assim, reforça a compreensão de ‘sistema’ linguístico, enquanto *parole* faz referência ao ato individual que realiza uma atividade de linguagem não redutível à fonação” (Stawinski 2020: 26). Ademais, a união dos conceitos pelo traço em *langue-parole* pretende enfatizar graficamente a indissociabilidade desses conceitos.

⁴ Não por acaso, a reflexão aqui proposta foi influenciada pelos trabalhos de diversos pesquisadores italianos contemporâneos, com quem encontrei diálogo no tocante ao lado receptivo da linguagem. Para além de Giuseppe D’Ottavi, foram especialmente importantes estudos de Giuseppe Cosenza (2016), Emanuele Fadda (2013a; 2013b; 2017), Alessandro Chidichimo (2009), Federico Albano Leoni (2009) e Maria Pia Marchese (Saussure 1995).

uma discussão sobre a dupla essência da linguagem (duplessência, lançando mão de um neologismo⁵); já “percepção” nos convoca à delimitação das unidades linguísticas via escuta; “palavra” nos remete ao signo linguístico, que ganha vida na cadeia falada; por fim, “ouvido” é um termo traduzido do francês *oreille*, encontrado nos escritos saussurianos (cf. Cosenza 2016). A opção de traduzir *oreille* por ouvido justifica-se no sentido de preservar a ambiguidade do termo em português, que pode remeter à parte do corpo e à função linguística (no particípio passado, ouvido enquanto aquilo que foi escutado).

Cada uma dessas noções será explorada ao longo de três seções deste artigo. Em Do som ao signo (cf. 1), vemos como o aspecto fônico da língua se faz presente na reflexão saussuriana pelo viés da duplessência da linguagem. Em O ouvido no circuito da *parole* (cf. 2), encaramos o aspecto ativo da escuta enquanto função linguística. Em A escuta linguística (cf. 3), sintetizamos os princípios saussurianos reverberados pelo ouvido. Que a leitura seja um convite à reflexão sobre como a escuta ressoa nos estudos saussurianos.

1. DO SOM AO SIGNO

Dentre os conceitos fundamentais associados ao pensamento saussuriano está, sem dúvidas, a tríade signo, significante e significado. Uma leitura apressada do CLG corre o risco de reduzir significante e significado a uma oposição entre “som” e “sentido”. Dessa perspectiva, a contraparte significante acaba sendo tomada apenas enquanto envelope material do significado, descartando seu aspecto abstrato e, portanto, linguístico. O conjunto de escritos reunidos em Sobre a dupla essência da linguagem (Saussure 2004)⁶ auxilia a desautomatizar tal oposição, visto que tanto o significante quanto o significado são considerados a partir da união forma-sentido. Vejamos a seguir uma reprodução do esquema apresentado nos ELG que contribui para elucidar a questão.

⁵ Neologismo utilizado em Stawinski (2020) e Milano (2022, no prelo).

⁶ Após a publicação dos ELG (na versão editada por Bouquet e Engler, em 2002), Amacker organizou uma nova edição dos manuscritos sobre a duplessência em *Science du langage* (Saussure 2011).

Visão habitual: $\frac{A \text{ Significação}}{B \text{ Forma}}$						
Visão proposta:						
	<div style="text-align: center; margin-bottom: 10px;">I</div> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30%; border-bottom: 1px solid black; padding: 5px;">Diferença geral das significações (só existe segundo a diferença das formas).</td> <td style="padding: 5px;">Uma significação (relativa a uma forma).</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;">Diferença geral das formas (só existe segundo a diferença das significações).</td> <td style="border-bottom: 1px solid black; padding: 5px;">Uma forma (relativa a uma significação).</td> </tr> </table>	Diferença geral das significações (só existe segundo a diferença das formas).	Uma significação (relativa a uma forma).	Diferença geral das formas (só existe segundo a diferença das significações).	Uma forma (relativa a uma significação).	<div style="text-align: center; margin-bottom: 10px;">II</div> <p style="padding: 5px;">Figura vocal (que serve de forma ou de várias formas em I).</p>
Diferença geral das significações (só existe segundo a diferença das formas).	Uma significação (relativa a uma forma).					
Diferença geral das formas (só existe segundo a diferença das significações).	Uma forma (relativa a uma significação).					

Quadro 1: Dupla essência da linguagem (Saussure 2004: 42)

O esquema compara duas visões sobre o signo: uma “habitual”, apresentada ao topo, e outra não habitual, encaminhada enquanto “proposta” – visada responsável por conferir maior complexidade à unidade linguística. Na sequência do esquema nos ELG, lemos: “expressões como *A* forma, *A* ideia; *A* forma e *A* ideia; *O* signo e *A* significação, são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua” (Saussure 2004: 42). Tudo isso nos leva ao problema da duplessência da linguagem que, ao mesmo tempo em que resgata o papel da materialidade do signo, reforça a impossibilidade na oposição forma x sentido (pois complementam-se). Ademais, o esquema demonstra o equívoco de definir o signo isoladamente, o que atesta a importância de considerar as relações de *valor* no interior do sistema.

Essa reflexão, aliada à releitura do circuito da *parole* (cf.2), foi um dos gatilhos para refletirmos acerca do aspecto fônico da língua com maior profundidade. O que está em jogo quando opomos “figura vocal” e “forma-sentido”? Vejamos uma célebre passagem do manuscrito:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato “mental” da significação. (Saussure 2004: 24)⁷

⁷ Essa passagem também pode ser conferida na edição de Amacker, conforme segue: « Le dualisme profond qui partage le langage ne réside pas dans le dualisme du son et de l’idée, du phénomène vocal et du phénomène mental; c’est là la façon facile et pernicieuse de le concevoir. Ce dualisme réside dans

Primeiramente, destacam-se dois aspectos do “som”: como tal e como signo. O “som” como tal diz respeito à materialidade da qual se serve a *langue* – o aspecto físico, concreto, imprescindível para que a *parole* ganhe vida. O “som” como signo depende de sua manifestação material, mas já pertence à esfera da *langue* – ou seja, da representação. Nesse sentido, a oposição estabelecida por Saussure coloca em cena a natureza material de toda manifestação linguística (sons, mas não somente)⁸, ressaltando o fato primordial de que o signo possui um caráter duplo: físico-mental, portanto, subjetivo.

A duplessência da linguagem, assim, trata da oposição entre substância (matéria) e forma (forma-sentido)⁹. O aspecto material é aquilo que fornece concretude à *parole*; o aspecto formal é aquilo que tem o poder de representar. Assim, conforme é possível encontrar logo no início do manuscrito, “É errado (e impraticável) opor a forma e o sentido. O que é certo, em troca, é opor a figura vocal, de um lado, e a forma-sentido de outro” (Saussure 2004: 21)¹⁰. Assim sendo, a figura vocal (ou “som como tal”) diz respeito ao envelope material do signo; já a forma-sentido refere-se à união entre significante-significado (“som” como signo). Em suma, “[u]ma figura vocal se torna forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua [*langue*] (...)” (Saussure 2004: 38) – eis a “passagem” do “som” ao “signo”.

Visto que tenho refletido acerca da escuta por um viés linguístico saussuriano, essa aparente “digressão” é necessária; afinal, como pensaríamos a escuta sem levar em conta também o aspecto material do signo? Ao olharmos mais atentamente para o circuito da *parole*, pretende-se observar que a escuta linguística ultrapassa o “som como tal”, que seria “objetivo”, para adentrar na esfera da significação, a qual depende, ainda que não exclusivamente, da concretude.

la dualité du phénomène vocal COMME TEL, et du phénomène vocal COMME SIGNE – du fait physique (objectif) et du fait physico-mental (subjectif), nullement du fait « physique » du son par opposition au fait « mental » de la signification. » (Saussure 2011: 86)

⁸ Cabe lembrar que a materialidade linguística não é exclusiva da manifestação sonora. Estudos de viés saussuriano que se atentam à gestualidade, como em Frydrych (2019), são um importante lembrete de que as línguas não se restringem ao aspecto sonoro, vide as línguas de sinais, como a Libras.

⁹ Em termos saussurianos, quando falamos em “forma”, é sempre na relação indissociável com o sentido.

¹⁰ « Segue a passagem conforme Amacker: “Il est faux (et impraticable) d’opposer la forme et le sens. Ce qui est juste en revanche c’est d’opposer la figure vocale d’une part, et la forme-sens de l’autre » (Saussure 2011: 72)

Marina De Palo, em publicação que trata sobre Saussure e o sujeito falante, ajuda a compreender o que buscou-se demonstrar até aqui, lançando mão do que a autora chama de “a concretude do sentido”:

Concreto representa a ligação entre significante e significado, e se opõe ao **abstrato**, que designa um conceito sem suporte sonoro ou vice-versa (objetos respectivamente da psicologia pura ou da fonética, mas não da linguística): “**concreto**, aqui, significa que a ideia tem a sua unidade no suporte sonoro” (CLG/E, 2195 IIIS) portanto “a palavra material é para nós uma abstração” (ivi, 1693). Consequentemente, “existem coisas abstratas que não são de todo linguísticas. Assim, temos dito que se quisermos buscar significações em si mesmas, separando-as radicalmente do suporte sonoro, do suporte material, não está mais na linguística, mas na psicologia” (ivi, 2195 IIIC). Para tornar concretas as unidades de sentido não se trata somente de ligá-las de modo indissolúvel às formas que as exprimem, mas sim de reconduzi-las às relações que elas estabelecem em um sistema linguístico baseado em oposições (ivi, 1750 IIR). Esse ponto de partida nos levará à noção de *jeux de signes*. (De Palo 2016: 42, tradução minha, grifos da autora)¹¹

Essa observação é importante, pois é preciso encarar a complexidade das relações de sentido que estão em jogo na cadeia falada, muito além de uma perspectiva do signo isolado. Além disso, refletir sobre o aspecto fônico da língua é aceitar estar sob o efeito da escuta. Isso implica também reconhecer o papel do corpo e da subjetividade na linguagem. O “som” percebido “palavra” é a matéria que ganha vida na *parole*. Para tratar dessa percepção, é preciso voltarmos ao famoso circuito apresentado no CLG.

2. O OUVIDO NO CIRCUITO DA PAROLE

Conforme descrito no CLG, para que seja possível delimitar, na linguagem, aquilo que corresponde à *langue*, “se faz necessário nos colocarmos diante do ato

¹¹ “**Concreto** rappresenta il legame tra significante e significato e si oppone ad **astratto**, che designa un concetto senza supporto sonoro o viceversa (oggetti rispettivamente della psicologia pura o della fonetica ma non della linguistica): “**concreto**, qui significa che l’idea ha la sua unità nel supporto sonoro” (CLG/E, 2195 IIIS) perciò ‘la parola materiale è per noi un’astrazione (ivi, 1963). Di conseguenza ‘ci sono delle cose astratte che non sono affatto linguistiche. Così noi abbiamo detto che se noi cerchiamo di prendere delle significazioni in se stesse staccandole radicalmente dal supporto sonoro, dal supporto materiale, non si è più nella linguistica, ma nella psicologia’ (ivi, 2195 IIIC). Per rendere concrete le unità di senso non si tratta solo di legare in modo indissolubile alle forme che le esprimono, bensì di ricondurle alle relazioni che esse stabiliscono in un sistema linguistico fondato su opposizioni (ivi, 1750 IIR). Questo punto di partenza ci porterà alla nozione di *jeux de signes*” (De Palo 2016: 42).

individual que permite reconstituir o circuito da *parole*. Este ato supõe ao menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo”¹² (Saussure 1972: 27). Vejamos o esquema conforme o CLG:



Figura 1: Falante e ouvinte no circuito da *parole* (Saussure 1972: 27)

Na imagem, vemos dois perfis (nomeados A e B) que conversam; a ação é representada pelo tracejado que liga, pela boca e pelo ouvido¹³, as duas extremidades do circuito da *parole*. Cada uma dessas partes do corpo acaba por sintetizar dois papéis fundadores do circuito: o de falante e o de ouvinte. Quando lido atentamente, o circuito da *parole*, esquema aparentemente simples, faz emergir questões importantes sobre o objeto da linguística e sobre a natureza do signo linguístico. Isto porque refletir sobre a troca entre falante e ouvinte mobiliza três fenômenos distintos que estão em jogo na cadeia falada, cuja representação aparece mais claramente na segunda parte do circuito: o fenômeno psíquico (o “som” percebido palavra ou o “som” como signo), o fisiológico (fonação e audição) e o físico (o “som” como tal). No encontro entre fonação e audição está o signo linguístico:

¹² Não são necessários, de fato, dois indivíduos, mas ao menos dois papéis discursivos: de locução e interlocução.

¹³ Diferente das fontes manuscritas, o esquema no CLG acrescenta uma indicação ao cérebro, ligado por um ponto à boca e ao ouvido do falante e do ouvinte. Além disso, há setas que indicam o fluxo da fala, ambas apontando para o centro da linha que liga os interlocutores, também ausentes nos manuscritos. Além disso, conforme cadernos dos alunos presentes na edição crítica de Engler (cf. Saussure 1989: 37), o perfil dos falantes (fig. 1) e o circuito da fonação e audição são apresentados em conjunto (cf. fig. 3). No CLG, as ilustrações são separadas por um parágrafo explicativo e pertencem ao terceiro capítulo da Introdução (objeto da linguística), seção 2 (lugar da língua nos fatos da linguagem).

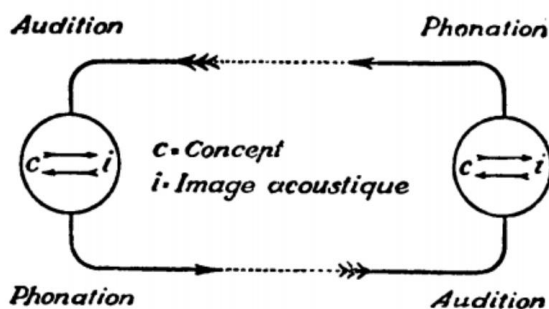


Figura 2: o signo entre a fonação e a audição (Saussure 1972: 28)

A leitura do circuito da *parole* foi renovada por pesquisadores como Herman Parret (2014), Jacques Coursil (2000) e Giuseppe D’Ottavi (2010). Cada um a seu modo, os três pesquisadores compartilham um gesto teórico comum: o de se colocar sob efeito da escuta. Também Giuseppe Cosenza (2016)¹⁴, a partir de um amplo estudo terminológico, oferece suporte para compreendermos o valor do ouvido nos estudos saussurianos. A seguir, busco pincelar algumas reflexões propiciadas pela leitura desses estudiosos, com o intuito destacar o papel do ouvido na reflexão linguística saussuriana.

De maneira precursora, Herman Parret foi responsável por uma leitura singular dos manuscritos de Harvard, material que descreveu e estudou (Parret 1993). Tal leitura dos manuscritos harvardianos, especialmente do dossiê 8¹⁵, exerceu grande influência sobre a produção do pesquisador, que resultou, por exemplo, na publicação do livro *Le son et l’oreille* (Parret 2014). Nesse livro, o estudioso é enfático ao afirmar a influência da leitura dos manuscritos:

Minha concepção de linguística saussuriana foi totalmente abalada pelo apuramento e estudo desses milhares de páginas manuscritas. Esse aprofundamento da epistemologia subjacente do corpus saussuriano foi confirmado em 2002 pela publicação dos Escritos. Meu interesse pelos manuscritos de Harvard está focado no conjunto sobre o estatuto linguístico do som e sobre a quase ausência de uma concepção elaborada da voz, do corpo, do falante e da temporalidade. (Parret 2014: 4, tradução minha)¹⁶

¹⁴ Em apêndice de seu livro, Giuseppe Cosenza organiza dezesseis coleções terminológicas saussurianas, contemplando diferentes edições de manuscritos a partir de um ponto de vista histórico-evolutivo. Em decorrência da natureza terminológica do estudo, neste artigo optou-se por manter as citações no idioma original.

¹⁵ Dossiê 8 se refere ao conjunto de escritos sob o título *Phonétique* (1881-1884) - bMS Fr 266 (8).

¹⁶ « Ma conception de la linguistique saussurienne a été totalement bouleversée par le dépouillement et l’étude de ces mille pages de manuscrits. Cet approfondissement de l’épistémologie sous-jacente du corpus saussurien a été confirmé en 2002 par la publication des *Écrits*. Mon intérêt pour les

Certamente não seria imprescindível ler os manuscritos ou a obra de Parret para verificar, ao menos, certa importância atribuída ao ouvido. É o que buscamos mostrar a cada releitura do CLG¹⁷. Apesar disso, é inegável que a leitura de Parret é de suma importância para resgatar, nas fontes saussurianas, o lugar do corpo, da voz e da materialidade nos estudos linguísticos, interesse declarado pelo próprio pesquisador. Em suas reflexões, Parret (2014) traz à tona o lugar do ouvinte na determinação das unidades linguísticas, o que justifica a expressão “ouvido-analista” (*L’Oreille-analyste*) cunhada por Parret, conforme veremos adiante.

Outro estudioso que exerceu influência significativa para esta perspectiva foi Jacques Coursil¹⁸. No campo da linguística, Coursil interessou-se particularmente pelos estudos saussurianos, tratando de questões relacionadas à fonologia, à delimitação do signo linguístico e ao aspecto dialógico da linguagem. No livro intitulado *La fonction muette du langage* (Coursil 2000), o autor apresenta três análises introdutórias ao conceito que dá título à obra (a “função muda da linguagem”, em tradução livre). O título demonstra seu interesse pelo aspecto receptivo da linguagem, que atrelamos à escuta. Para ele, a atividade da linguagem pode ser encarada a partir de dois papéis dialógicos: da fala e da escuta. Após uma retomada do circuito saussuriano voltaremos a essa discussão.

Quanto a Giuseppe D’Ottavi, é um pesquisador que também se interessou pelos manuscritos à disposição na biblioteca de Harvard¹⁹. Tocado pela questão do ouvido, D’Ottavi escreve um artigo especialmente dedicado ao “*Monsieur B*”, o ouvinte no circuito da *parole* (D’Ottavi 2010). Tal artigo, publicado há pouco mais de uma década, já apresenta a importância do falante a partir da teoria saussuriana como “componente inalienável da visão linguística saussuriana como um todo” (D’Ottavi 2010: 71)²⁰.

manuscrits de Harvard s'est focalisé d'emblée sur le statut linguistique du son et sur la quasi-absence de conception élaborée de la voix, du corps, du sujet parlant et de la temporalité » (Parret 2014: 4).

¹⁷ Para saber mais sobre o aspecto fônico da língua a partir do CLG, recomendo a leitura de Milano (2017).

¹⁸ Coursil foi doutor em Letras, professor emérito em Ciências da Linguagem e músico. Para saber mais sobre a sua produção, é possível conferir o site www.coursil.com

¹⁹ D’Ottavi (2017) publica um artigo apresentando o conjunto de manuscritos saussurianos que pertencem à Houghton Library, da Universidade de Harvard. Pertence a essa coleção o dossiê 8 (*Phonétique*), apresentado inicialmente por Parret em 1993, como mencionado anteriormente, e editado por Maria Pia Marchese dois anos depois (Saussure 1995). Em 2002, Marchese também publica a edição de *Théorie des sonantes* (Saussure 2002).

²⁰ “La letteratura critica ha acquisito ormai da tempo il ruolo del soggetto parlante come componente inalienabile dalla visione linguistica saussuriana nel suo complesso” (D’Ottavi 2010: 71).

Garantido o lugar do falante para a linguística saussuriana, sua contraparte, o ouvinte, é objeto de estudo que demanda maior atenção. A reflexão empreendida por D’Ottavi cumpre o papel de apresentar e aprofundar tal ponto de vista.

Com uma breve introdução desses estudos como plano de fundo, vejamos, novamente, o esquema que representa o circuito saussuriano – desta vez, segundo fontes manuscritas²¹:

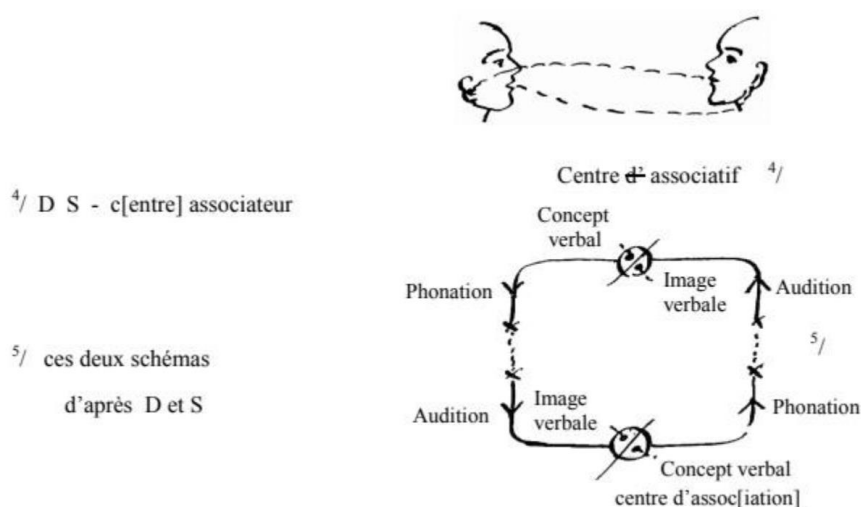


Figura 3: O circuito da *parole* (Sofia 2015: 408)

O primeiro ponto que gostaria de destacar diz respeito a uma observação realizada por D’Ottavi: no circuito da *parole*, as figuras que representam falante e ouvinte são simétricas e espelhadas:

O esquema do circuito da *parole* é construído, de fato, segundo uma simetria evidente: *Monsieur A* e *Monsieur B* são especularmente idênticos e se dividem igualmente no espaço; da mesma forma, os atos comunicativos de que são criadores são entendidos como ligados por uma lógica simétrica e não descontínua que vê o momento produtivo e o receptivo participarem de um mesmo mecanismo, diferenciando-se apenas pela alternância de destino e centro de produção: a recepção da *parole*, em particular, parece ser uma ascensão, um caminho para trás, quase uma decodificação. Na homologia essencial dos mecanismos produtivos e receptivos, portanto, a recepção é determinada como reflexo, passivo e devido, da produção. (D’Ottavi 2010: 76, tradução minha)²²

²¹ Aqui, optou-se por lançar mão da edição de Estanislao Sofia, referente à *Collation Sechehaye* (Sofia 2015). A publicação reúne uma espécie de “pré-texto” ao CLG, elaborada por Albert Sechehaye (com revisão de Charles Bally). O trabalho de Sofia apresenta os leitores com o *fac-simile* dos manuscritos, lado a lado a transcrição correspondente. As siglas D e S fazem referência a George Dégallier e Marguerite Sechehaye, alunos que frequentaram os cursos de Saussure, cujos cadernos (dentre outros) foram apresentados na edição crítica de Rudolf Engler (CLG/E, Saussure 1989).

²² “Lo schema del circuito della *parole* è costruito infatti secondo una simmetria evidente: *Monsieur A* e *Monsieur B* sono specularmente identici e si dividono equamente lo spazio; allo stesso modo gli atti

Ainda segundo D’Ottavi, tal simetria entre falante e ouvinte estabelece “(...) uma substancial homologia operativa [que] liga os momentos produtivo e receptivo” (D’Ottavi 2010: 77, tradução minha)²³. A aparente simetria entre produção e recepção não impede que o circuito seja, tradicionalmente, abordado quase exclusivamente pela perspectiva da *parole*, movimento subvertido por D’Ottavi:

O pressuposto do modelo linear de interação linguística, e o consequente papel simplificado do receptor, são postos em crise por uma série de observações genuinamente saussurianas frente a uma disposição ativa do lado receptivo do falante em seu trabalho de interpretação dos atos de *parole* (D’Ottavi 2010: 77, tradução minha)²⁴

O segundo ponto a destacar é que a disposição ativa do lado receptivo do circuito pode ser associada ao conceito de “ouvido-analista”, expressão utilizada por Herman Parret (2014) no intuito de resgatar a reflexão sobre a materialidade e seus efeitos na cadeia falada. Sob efeito do aspecto fônico da língua, Parret destaca:

Para Saussure, o corpo, no sentido figurado, é apenas uma Boca em movimento fisiológico e um enorme Ouvido. O corpo está na voz entre a boca e o ouvido; é essencialmente a voz que “impressiona”, solicita o ouvido, ao limite estético. (Parret 2014: 14, tradução minha)²⁵

Para o estudioso, é a partir do ouvido que as unidades linguísticas são delimitadas na cadeia falada; ou seja, ao ouvido é atribuída a função de análise linguística, que depende da materialidade, mas não se restringe a ela²⁶. Giuseppe Cosenza (2016), a partir das entradas terminológicas que definem “*oreille*” (ouvido),

comunicativi di cui sono artefici sono intesi come legati da una logica simmetrica e non discontinua che vede il momento produttivo e quello ricettivo partecipare del medesimo meccanismo, differenziandosi solo per l’alternanza di destinazione e centro di produzione: la ricezione della *parole*, in particolare, appare una risalita, un percorso all’indietro, quasi una decodifica. Nella essenziale omologia dei meccanismi produttivo e ricettivo, quindi, la ricezione si determina come il riflesso, passivo e dovuto, della produzione”. (D’Ottavi 2010: 76)

²³ “la disposizione simmetrica presenta Monsieur B come il riflesso speculare di Monsieur A e una sostanziale omologia operativa lega i momenti produttivo e ricettivo” (D’Ottavi 2010: 77).

²⁴ “L’assunzione del modello lineare dell’interazione linguistica, e il conseguente ruolo semplificato del ricevente, vengono messi in crisi da una serie di osservazioni genuinamente saussuriane che prospettano una disposizione attiva del versante ricettivo del parlante nella sua opera di interpretazione degli atti di *parole*” (D’Ottavi 2010: 77).

²⁵ « Pour Saussure, le corps, figurativement, n’est qu’une Bouche en mouvement physiologique et une énorme Oreille. Le corps est dans la voix entre la bouche et l’oreille, c’est essentiellement la voix qui impressionne, sollicite l’oreille, à la limite esthétiquement » (Parret 2014: 14).

²⁶ Em artigo sobre a noção de sentimento linguístico, Emanuelle Fadda afirma: “O linguista não pode negligenciar este lado empírico, ligado à sua própria experiência como falante” (Fadda 2013b: 2, tradução minha).

auxilia a desvelar o vínculo conceitual entre ouvido e análise linguística via percepção dos falantes.

Em excerto de *Phonétique*, por exemplo, ouvido é definido a partir do papel que exerce na determinação dos sons linguísticos, sendo responsável por “decidir as semelhanças, identidades e diferenças de percepções” na cadeia falada:

Oreille : [v. area A ; soprattutto per il ruolo che ha nella determinazione dei suoni linguistici, in questo senso inteso come organo dell’udito nel suo complesso] ; L’oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions. Ce ne sont pas les perceptions, mais leurs causes qui sont dans une dépendance mutuelle ou peut être supposée y être. (p. 99) Cfr. *acoustique, phonème, sensation* (Cosenza 2016: 298).

Vale ressaltar que o ouvido, nesse sentido, acaba funcionando como uma representação metonímica do falante-ouvinte. Além disso, a função de determinação e identificação dos signos acaba fortemente atrelada a uma noção de escuta. Em outra entrada terminológica verificada em Cosenza, essa interpretação é reforçada. Conforme notas do Primeiro curso ministrado por Saussure:

Oreille : [v. area A ; importanza dell’orecchio nel distinguere gli elementi della catena parlata] ; Il faut insister toujours sur ce point que nous ne pouvons faire des coupures, distinguer des unités dans la chaîne parlée, que grâce à l’oreille, à la donnée acoustique ; c’est elle qui nous avertit qu’à tel endroit est une voyelle, qu’on passe d’une voyelle à une consonne, d’une syllabe à une autre syllabe. (p. 24) Cfr. *acoustique, chaîne parlée, phonème {Ph ; III corso}* (Cosenza 2016: 476).

“Graças ao ouvido”, as unidades linguísticas são delimitadas na cadeia falada; cabe ao ouvido, portanto, distinguir o “som como tal” do “som como signo”. Essa perspectiva atribui à escuta um papel que ultrapassa a ideia de decodificação ou passividade frente à *langue*. Excertos como esses são pequenas amostras que anunciam o lugar ocupado pela escuta na reflexão linguística saussuriana. Coursil certamente é um dos estudiosos que levou os efeitos do ouvido às últimas consequências a partir da noção de “função muda da linguagem”.

A concepção de função muda tem origem em uma releitura do circuito da *parole*. Na introdução de seu livro, Coursil (2000) vislumbra a troca entre falante e ouvinte de uma perspectiva até então inusitada:

No diálogo, falar é um acontecimento, e ouvir, uma constante. A atividade de linguagem se divide então em dois papéis dialógicos: aquele do ouvinte que fala e aquele do ouvinte que não fala; em outros termos, há, em um diálogo, tantos ouvintes quanto participantes. (Coursil 2000: 13, tradução minha)²⁷

Nesse sentido, para Coursil, o circuito pode ser representado por duas figuras, A e B, que **escutam**. Isso porque, segundo o autor, “falar” é um **acontecimento**; “escutar” é uma **constante**, visto que tanto aquele que está com a palavra (falante) quanto aquele que permanece em silêncio (o ouvinte) estão sob efeito da escuta da cadeia falada. Essa lógica coloca em evidência não o circuito da *parole*, mas o **circuito do ouvido**. Portanto, ao invés dos termos “falante” e “ouvinte”, poderíamos contrapô-los às expressões “ouvinte que fala” e “ouvinte que escuta”.

O intuito de pôr o ouvido em evidência não é, entretanto, substituir a preocupação teórica sobre o “ouvinte” em detrimento do “falante”, mas apontar um espaço possível para refletir teoricamente acerca de um conceito de escuta linguística. O “som percebido palavra” – a concepção de uma escuta linguística – busca resgatar a materialidade pelo viés do sentido. Para além da audição, que pode ser reduzida a um processo de decodificação passivo, busca-se encarar a escuta enquanto atividade de linguagem.

3. A ESCUTA LINGUÍSTICA

Do som ao signo e do circuito da *parole* ao circuito do ouvido, o caminho percorrido até aqui pretende sintetizar aspectos cruciais que fundamentam um conceito de escuta linguística sob efeito do ouvido saussuriano. Isso implica em pensar a escuta tanto no que se refere a seu caráter sensível-perceptível (audição) quanto no que diz respeito a seu caráter semiológico (a escuta da *parole*). A fim de sublinhar a complexidade desse conceito, inicio esta seção em companhia de Roland Barthes e Roland Havas, autores do verbete “escuta” na Enciclopédia Einaudi²⁸:

²⁷ « Dans le dialogue, parler est un événement, et entendre, une constante. L’activité de langage se partage donc en deux rôles dialogiques, celui d’entendant qui parle et celui d’entendant qui ne parle pas ; en d’autres termes, il y a, dans un dialogue, autant d’entendants que de participants » (Coursil 2000: 13).

²⁸ Verbetes publicados originalmente no 11º volume da Enciclopédia Einaudi em 1976 em língua italiana. Em Stawinski (2020), apontou-se para o caráter contemporâneo do termo com relação a diversas áreas do conhecimento, visto que, até então, “escuta” não constava em enciclopédias do gênero.

Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico. As condições físicas da audição (os seus mecanismos) podem descrever-se recorrendo à acústica e à fisiologia do ouvido; mas a escuta só se pode definir a partir do seu objeto, ou, se preferirmos, do seu objetivo. (Barthes; Havas 1987: 137)

De início, os autores preocupam-se em distinguir “ouvir” de “escutar”. Chamo a atenção para uma observação importante: a audição é um fenômeno fisiológico e, portanto, não é objeto de estudos do linguista. A escuta, por outro lado, possibilita abordagens distintas a depender dos objetivos. Nesse sentido, Barthes e Havas caracterizam três tipos de escuta, que podem ser interpretadas como (1) escuta indicial; (2) escuta linguística; (3) escuta psicanalítica.

A escuta indicial diz respeito a um dispositivo natural compartilhado entre animais e humanos: “a matéria-prima da escuta é o índice, quer assinale o perigo, quer permita a satisfação da necessidade” (Barthes & Havas 1987: 138). Esse tipo de escuta já não é compatível com a ideia de “passividade” da apreensão fisiológica de “ouvir”, visto que o “índice” precisa ser percebido e interpretado pelo agente da escuta:

Morfologicamente, ou seja, em termos de espécie biológica, a orelha parece ser feita para esta captura do índice que passa: é imóvel, fixa, ereta como um animal à espreita. Como um funil orientado do exterior para o interior, recebe o maior número possível de impressões e canaliza-as para um centro de vigilância, de seleção e de decisão. (Barthes; Havas 1987: 138)

A seleção das impressões, captadas pela audição, possibilita que “o confuso e indiferenciado se torne distinto e pertinente” (ibid.: 138). Tal é a natureza da escuta: distinguir, delimitar, interpretar. Estamos já a um passo da escuta linguística propriamente dita que, no lugar de basear-se em índices, é responsável pela metamorfose dos “sons” em “sentidos”.

A escuta linguística²⁹, para os autores, está relacionada ao ato de “decifrar”: “são **signos** que se tentam captar através do ouvido, e isto é, certamente o próprio do homem: escuto como leio, ou seja, segundo determinados códigos” (Barthes; Havas 1987: 137, grifos dos autores). Nesse tipo de escuta, que poderíamos chamar de escuta do signo,

²⁹ O atributo “linguística”, ressaltado, não é utilizado pelos autores, sendo fruto de minha interpretação de leitura.

aquilo que é escutado (...) é o segredo, ou seja, aquilo que, oculto pela realidade, só pode aceder à consciência humana através de um código que serve, simultaneamente, para cifrar e decifrar essa realidade. (Barthes; Havas 1987: 139)

O “código” a que fazem referência seria a *langue*, sistema de valores compartilhados socialmente por determinado grupo de falantes e cuja manifestação concreta ocorre na cadeia falada (seja por meio da fonação, seja por meio da escrita). Sendo a *langue* um fato social, a escuta linguística coloca em cena a alteridade, já que “a ordem de escutar é o apelo total de um sujeito a outro” (Barthes; Havas 1987: 140). Como sugerem os autores, “a interpelação leva a uma interlocução, na qual o silêncio do ouvinte será tão ativo como a palavra do locutor: poder-se-ia dizer que a escuta fala” (Barthes; Havas, 1987, p.141). Aqui entram em cena dois aspectos fundamentais: a **alteridade** instaurada pela escuta e a compreensão de que a escuta é uma **função muda**, mas **ativa**, da linguagem.

Quanto à escuta psicanalítica, esta ultrapassa o âmbito linguístico e deixa-se guiar livremente pelo significante. Não sendo este o foco do presente artigo, sublinho apenas que aquilo que os autores chamam de noção moderna de escuta encontra-se ancorada na psicanálise e contribui para o entendimento de que “os papéis implícitos no ato de escutar já não têm a fixidez de antigamente; já não existe, por um lado, aquele que fala, se entrega, confessa e, pelo outro, o que ouve, cala, julga e sanciona; (...) sua escuta é ativa” (Barthes; Havas 1987: 144).

Essa breve síntese interpretativa fundamentada em Barthes e Havas busca contextualizar as diferentes concepções de escuta que reverberam no presente trabalho. A diferença entre “ouvir” e “escutar”, por exemplo, pode ser associada ao debate inicial (cf. 1) acerca do “som” como tal e do “som” como signo pelo viés da **duplessência** da linguagem, ressaltando a interdependência entre os aspectos fisiológico, acústico e psíquico. Quanto às definições de escuta, percebe-se que os três tipos descritos pelos autores pressupõem uma posição **ativa** operada pelo **ouvido**, o que se tentou demonstrar na retomada do circuito da *parole* (cf. 2).

Ponderações de Arild Utaker ajudam a desvelar as implicações do ouvido na reflexão linguística saussuriana. Em um dos capítulos de sua obra, intitulada *Philosophie du langage: une archéologie saussurienne* (Utaker 2016), o pesquisador

trata especificamente da relação entre **corpo, ouvido e tempo**³⁰, estimulado pelo problema da duplessência da linguagem. A seguir, serão destacadas considerações pontuais de Utaker que contribuem para aquilo que entendemos como uma definição de **escuta linguística** por um viés saussuriano.

Um dos pontos primordiais relacionados à escuta consiste na dualidade do fenômeno sonoro, tendo em vista que “a dualidade sonora explica como o corpo humano se torna um corpo de linguagem”:

Porque o som – articulado e ouvido – remete, por um lado, a um órgão – o aparelho vocal –, por outro, à função linguística exercida pela audição. A função depende de um órgão, mas não pode ser explicada a partir dele. (Utaker 2016: 215, tradução minha)³¹

Nesse sentido, distinguir audição de escuta parece fundamental. Se por um lado a audição diz respeito ao aspecto corporal, fisiológico, a escuta diz respeito a uma **função semiológica**, que depende da audição, mas que não se reduz a ela. Levando isso em consideração, diferentemente de Utaker, reservo o termo **escuta** justamente para a **função linguística exercida pela audição**, estabelecendo um paralelo entre as definições de “ouvir” e “escutar” vislumbradas acima (cf. Barthes; Havas 1987). Desse ponto de vista, a audição capta o som por ele mesmo; a escuta percebe o som como signo.

Pensar a escuta em sua complexidade demanda uma atenção especial ao aspecto receptivo da linguagem, à ideia de *langue* enquanto aquilo que é **percebido** pelos falantes³². Este é outro aspecto primordial abordado por Utaker e que foram mobilizados na primeira parte deste artigo, conforme apontei nas leituras que fiz de Coursil, Parret e D’Ottavi. Utaker reforça: “Esquecemos que as palavras só existem quando percebidas” (Utaker 2016: 225, tradução minha)³³. A função desempenhada pelo lado B do circuito da *parole*, para utilizar uma expressão de D’Ottavi (2010),

³⁰ Cf. Capítulo 9 - *Corps: oreille et temps* (Corpo: ouvido e tempo, em tradução livre) para um estudo aprofundado.

³¹ « Phénomène méconnue, la dualité sonore explique comment le corps de l’homme devient un corps du langage. Car le son – à la fois articulé et entendu – renvoie d’un côté à un organe – l’appareil vocal –, de l’autre à la fonction linguistique qui s’exerce par l’ouïe. La fonction dépend d’un organe, mais ne s’explique pas à partir de lui. » (Utaker 2016: 215).

³² Pelos falantes que escutam, que lêem (através da escrita) ou que percebem a *langue* a partir da gestualidade (através da sinalização das línguas de sinais). “Escuta” é compreendida aqui como uma disposição ao sentido, não dependente da materialidade auditiva, e pode ser pensada a partir de outras materialidades das quais os falantes lançam mão.

³³ « On oublie que les mots n’existent que perçus » (Utaker 2016: 225).

revela justamente a importância do **ouvido** na determinação das unidades linguísticas, tema também abordado a partir da discussão teórica acerca do **sentimento** linguístico³⁴.

Isso nos leva uma vez mais a retomar a operação de delimitação das unidades linguísticas na cadeia falada. Tomando como exemplo apenas uma pequena amostra a partir do manuscrito *Phonétique*, como já apontado em Stawinski (2016) e detalhado no estudo terminológico de Cosenza em outras fontes autográficas (2016), o termo ouvido (*oreille* no original) aparece diversas vezes associado à percepção linguística como função ativa. Ao longo de *Phonétique* (Saussure 1995), o ouvido é agente dos verbos “julgar” (p. 90), “compor” (p. 88), “decidir” (p. 99), “distinguir” (p. 229) – todas ocorrências relacionadas ao papel de delimitação dos signos. Ademais, são utilizadas expressões como “julgamento do ouvido” (p. 30, 62); “sentimento do ouvido” (p. 153), o que leva a reforçar o termo enquanto representação metonímica do falante.

Como Coursil buscou demonstrar a partir da ideia de função muda da linguagem, o falante, ressaltado, está sempre implicado pela escuta; **o circuito do ouvido** pressupõe que falante e ouvinte sofrem os efeitos da cadeia falada. Utaker, também nessa direção, vai além e situa o ouvido no cerne da própria definição de *langue* saussuriana: “Saussure aborda a linguagem no nível de sua recepção: eu falo porque eu recebi uma língua, e o que eu digo só se torna *langue* se for ouvido” (Utaker 2016: 227, tradução minha)³⁵. A alteridade, posta em jogo no circuito da *parole* na relação eu-tu, é um dos pilares da *langue*.

Ressalta-se uma vez mais que falante e ouvinte não dizem respeito necessariamente a dois indivíduos (cf. nota 12), mas a duas posições linguísticas que operam duas funções: a da *parole* e a da escuta. Na leitura, mesmo a silenciosa, estamos sob efeito da escuta linguística. No monólogo igualmente, pois a alteridade não está restrita ao diálogo *stricto sensu*. Utaker (2016) lembra, nesse sentido, que enquanto falantes também somos influenciados pelo próprio ouvido. Tal é a condição da *parole*: influenciar a si própria pela escuta.

³⁴ A relação entre o termo sentimento e sua relação com a escuta é abordada em Stawinski e Milano (2021). Para explorar mais a questão do sentimento linguístico, também recomendo a leitura de Alessandro Chidichimo (2009) e Emanuele Fadda (2013; 2017).

³⁵ « Saussure aborde le langage au niveau de sa réception : je parle parce que j'ai reçu une langue, et ce que je dis ne devient langue que s'il est entendu » (Utaker 2016: 227).

A trajetória percorrida até aqui buscou sintetizar algumas das questões teóricas que considero basilares para uma definição de escuta linguística a partir da teoria saussuriana. Em suma, em Stawinski (2020) proponho a **escuta linguística** enquanto uma **função ativa** da linguagem operada pelo **ouvido**. Tal definição ancora-se na consideração de três fundamentos: (1) a **duplessência** da linguagem, a qual lembra que a escuta depende do aspecto material, mas que não se restringe a ele (para o linguista o que importa é a união entre forma e sentido, e não sua oposição); (2) o **circuito do ouvido**, que opera a delimitação das unidades linguísticas sob efeito da escuta da *parole*; (3) a **alteridade**, pois é somente na relação com o outro que a *langue* tem existência.

O ponto de chegada de minha tese elencou alguns princípios saussurianos fundamentais relacionados à concepção de escuta linguística, em uma tentativa de definir um fenômeno tão complexo. Certamente ainda há muito espaço para investigar o tema, que parece ter terreno fértil nos estudos saussurianos contemporâneos, como buscou-se demonstrar a partir das referências teóricas aqui mobilizadas. Certa de que ainda resta bastante a aprofundar, encerro este artigo em um gesto de convite à exploração da *langue* que esteja impelida pelo ouvido.

REFERÊNCIAS

- ALBANO LEONI, Federico. Saussure, la syllabe et le phonème. *Histoire Epistémologie Langage* 29.1: 115-136, 2007.
- BARTHES, R.; HAVAS, R. Escuta. *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional Casa Moeda, 1987. Volume 11. p.137-145.
- CHIDICHIMO, Alessandro. Saussure e o Sentimento: A Forma do Sentimento Lingüístico. In: *Rua*, v. 1, n. 15, p. 109-122, 2009.
- COSENZA, Giuseppe. *Dalle parole ai termini: i percorsi di pensiero di F. de Saussure*. Alessandria : Edizioni dell’Orso, 2016.
- COURSIL, Jacques. *La fonction muette du langage: essai de linguistique générale contemporaine*. Petit-Bourg: Ibis Rouges Éditions, 2000.

DE PALO, Marina. Saussure: il soggetto parlante e gli strutturalismi. *Il soggetto parlante nel pensiero linguistico del Novecento*. Roma: Carocci, 2016.

D'OTTAVI, Giuseppe. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. *Bollettino di italianistica*, v. 7, n. 1, p. 71-91, 2010.

D'OTTAVI, Giuseppe. Nine Easy Pieces: Os Manuscritos de Ferdinand de Saussure em Harvard. In: *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH 2*, São Paulo: FFLCH-USP, 2017. Disponível em: https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u63/cadernos_2_2017-07-02.pdf

FADDA, Emanuele. 'Sentiment': entre mot et terme quelques notes sur le travail et la langue de Ferdinand de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 66, p. 49-65, 2013a.

FADDA, Emanuele. La notion de 'sentiment', la morphologie et la cognition langagière (in)consciente. *Travaux du 19ème CIL | 19th ICL papers*. Congrès International des Linguistes, Genève 20-27 Juillet 2013b.

FADDA, Emanuele. Sentimento della lingua: per un'antropologia linguistica saussuriana. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2017.

FRYDRYCH, Laura A. K. Gestualidade nas línguas de sinais à luz do princípio saussuriano da dupla essência da linguagem. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, v. 1, p. 169-184, 2019.

MILANO, Luiza. Le statut du phonique dans le CLG. *Cahiers Ferdinand de Saussure – Revue suisse de linguistique générale*, Genebra, v. 70, p. 85-100, 2017.

MILANO, Luiza. A duplessência da linguagem: afinal, de que duplo se trata?. *Saussure: manuscritos, aulas e publicações*. Coleção Linguística In Focus nº 14. Uberlândia: EDUFU, 2022 (no prelo).

NANCY, J. À escuta. Belo Horizonte: Edições Chão de Fábrica, 2014.

PARRET, Herman. "Les manuscrits saussuriens de Harvard". In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, no. 47, p. 179-234, 1993. Acesso em 20 set 2022. Disponível em: https://www.cerleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume_47_1993.pdf

PARRET, Herman. Le son et l'oreille: Six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard. Limoges, Lambert-Lucas, 2014.

RIBEIRO, Joana. "A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido": uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre, 2019. <http://hdl.handle.net/10183/202470>

SAUSSURE, Ferdinand de. Édition critique du 'Cours de linguistique générale' de F. de Saussure. Traduit par Louis-Jean Calvet. Paris: Payot, 1972.

SAUSSURE, Ferdinand de. Cours de linguistique générale. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989 [1967-1974].

SAUSSURE, Ferdinand de. Phonétique. Il manoscritto di Havard - Houghton Library bMS Fr 266 (8). Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Unipress, Padoue, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. Théorie des sonantes. Il manoscritto di Ginevra. Bibliothèque Publique de Genève. Edizione a cura de Maria Pia Marchese. BPU: Genève, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. Escritos de linguística geral. Organização e edição por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Science du langage*. De la double essence du langage, édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker. Droz: Genebra, 2011.

SOFIA, Estanislao. La collation Sechehaye du ‘cours linguistique générale’ de Ferdinand de Saussure (1913). Édition, introduction et notes par E. Sofia. Leuven: Peeters, 2015.

STAWINSKI, Aline. A heterogeneidade na transcrição de fala sintomática: marcas subjetivas. *XXIV Salão de Iniciação Científica*. Anais. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/63518>.

STAWINSKI, Aline. A subjetividade na linguagem: aspectos linguísticos. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2013.

STAWINSKI, Aline. O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/140177>

STAWINSKI, Aline. À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/217016>

STAWINSKI, Aline; MILANO, Luiza. O sentimento do falante nos manuscritos saussurianos. *Prolíngua*. João Pessoa, v. 16 (1), p. 259- , 2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2021v16n1.58620>

UTAKER, Arild. La philosophie du langage: une archeologie saussurienne. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.